

Fernão Botelho Bracher, a família, os amigos, e a nação

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Escrito no dia do seu falecimento, 11 de fevereiro de 2019.

Fernão Bracher (1935-2019) foi sempre o meu melhor amigo. Foi um homem extraordinário que pautou sua vida por princípios éticos baseados na justiça e na solidariedade. As finanças o atraíram desde a juventude, seu primeiro emprego foi no Banco da Bahia. Através dos anos ganhou experiência na área, participou da direção de grandes bancos brasileiros, e afinal decidiu tornar-se empresário na área e fundou o BBA – alcançando, então, grande êxito.

Fernão foi também um homem público. Nos anos 1970, quando Mario Henrique Simonsen foi Ministro da Fazenda, ele foi o diretor da área internacional do Banco Central. No início dos anos 1980, sua casa se transformou no ponto de encontro dos economistas que formularam a teoria da inflação inercial (Edmar Bacha, André Lara Rezende, Pérsio Arida, e eu). Formamos então um grupo, do qual também participaram Yoshiaki Nakano e Francisco Lopes. Falhamos no Plano Cruzado e no Plano Bresser em controlar a alta inflação inercial que assolou o Brasil por quinze anos, mas afinal fomos bem-sucedidos no Plano Real (1994).

Após a transição democrática, Fernão foi presidente do Banco Central, lutou duramente contra o populismo econômico do governo e afinal se demitiu. Quando, em 1987, eu me tornei Ministro da Fazenda e pedi seu auxílio na negociação da dívida externa, ele voltou a Brasília para trabalhar comigo. Adotamos, então, uma política que ajudaria a resolver não só o problema da moratória brasileira, mas dos demais países endividados – uma solução inovadora baseada na securitização da dívida externa dos países. Essa estratégia foi inicialmente recusada pelo governo americano, mas, um pouco depois, o Plano Brady, que resolveu o problema, estava integralmente baseado na nossa proposta. Saímos juntos do Ministério da Fazenda, eu para voltar às minhas aulas na Fundação Getúlio Vargas e para o Pão de Açúcar de Abílio Diniz, ele, tendo ao lado seu filho Cândido, para fundar o BBA, que seria a grande realização empresarial de sua vida.

Nós nos tornamos amigos quando tínhamos ambos dezesseis anos e nos encontramos na Juventude Estudantil Católica, a JEC, ele no Colégio São Bento, eu no Colégio São Luís. Os amigos que se encontraram então, e, depois, na JUC da Faculdade de Direito da USP, Jorge Cunha Lima, José Theophilo Ramos, Luiz Antonio de Almeida Eça, Manoel Gonçalves Ferreira Filho e Ivette Senise Ferreira são até hoje amigos. Deixou-nos, apenas, Eduardo Milliet.

Fernão e eu tínhamos muitas coisas em comum – essencialmente o compromisso cristão com a solidariedade e o compromisso republicano com o interesse público. Mais tarde, meu compromisso com a solidariedade humana assumiu um caráter social-democrático, mas nisto Fernão não me acompanhou. Fernão foi sempre um conservador esclarecido, um homem de centro-direita, eu sempre de centro-esquerda. Concordávamos em quase tudo – ele muitas vezes me disse isso – mas era uma concordância quanto aos valores e aos diagnósticos. Em relação às propostas, ele era mais prudente e conservador do que eu, e moderava meu entusiasmo.

Nossa relação era, em primeiro lugar, de mútua admiração: a minha por sua inteligência, sua visão ética do mundo e das coisas, sua fidalguia na relação com os amigos, e pela extraordinária família que construiu com sua adorada esposa, Soninha, uma maravilhosa amiga minha, de minha mulher, Vera, e certamente de quase todos os que estão hoje aqui homenageando Fernão; a admiração de Fernão por mim era talvez devida à minha cultura e às minhas ideias, mas em relação a estas, sempre com um grão de sal.

Fernão e Soninha tiveram cinco filhos, um banqueiro, uma escritora, um médico, uma artista plástica, e um arquiteto. Eles foram padrinhos de nossa primeira filha, Patrícia, nós, padrinhos do seu primeiro filho, Candi. Quando eu e Vera nos casamos, não tínhamos automóvel, e Fernão emprestou-nos o seu fusca e a casa da família em Poços de Caldas para nossa lua de mel. Quando ele e Soninha foram para Brasília na primeira vez, Candi e Duda ficaram em nossa casa para continuar estudando em São Paulo.

Eu conheci bem os pais de Fernão. Dona Zila era uma bela e difícil Arruda Botelho; Eduardo Bracher, um comerciante prático e bem-sucedido de origem Suíça. Era o casamento da princesa e do plebeu, e isto marcou Fernão. Ele nunca foi um príncipe, mas era um aristocrata na educação e nos gostos. Por isso, ele nunca também foi um plebeu, mas entendeu desde cedo a vida dos negócios.

Fernão e eu tínhamos em comum o amor pelo Brasil e por São Paulo. Uma vez, quando fizemos uma viagem ao Rio de Janeiro para ver o Carnaval, nos

perguntamos em que cidade do mundo nós gostaríamos de nos aposentar. Percorremos todas as grandes cidades, e concluímos que seria mesmo São Paulo. Porque São Paulo é a família, são os amigos, é a nação.

Ambos éramos nacionalistas econômicos – entendíamos que o desenvolvimento de um país depende dele próprio, de seus governantes, de seus empresários, de seu povo, de sua capacidade de poupar e investir. Entendíamos que estávamos ajudando a construir uma nação. Primeiro, através do desenvolvimento econômico, segundo, por meio da democracia, terceiro, contribuindo para que ela se tornasse menos injusta. Com esses objetivos em mente, nos últimos anos, Fernão se dedicou à educação pública nacional, principalmente ao desenvolvimento do ensino técnico no nível médio. E logrou que o Brasil avançasse nesse campo.

Fernão terminou sua jornada. Foi uma bela vida, cheia de amor à família, de lealdade e apoio aos amigos, de compromisso com o Brasil. Nós não o esqueceremos, e o teremos, sempre, como uma referência para as nossas próprias vidas.